

sábado de Deus

*O Sábado de Cecil N. Wright
O Dia do Senhor por H. Leo Boles*

o sábado

Uma mudança de lei?

Daniel 7:25 refere-se à mudança do homem nas leis de Deus – algo que está errado. Mas, se Deus mudou sua própria lei, isso é um assunto completamente diferente – e errado não reconhecer e ajustar-se a ela. Então, o que eu desejo fazer agora é apontar que Deus fez tal mudança ao tornar Jesus Cristo nosso sumo sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque, e não segundo a ordem levítica de Arão como ele havia legislado para os sacerdotes sob o lei da qual fez Moisés mediador e pela qual também deu os Dez Mandamentos no Monte Sinai.

1. Hebreus (7:11-25) (Versão Padrão Americana):

a. "Ora, se havia perfeição [referindo-se à salvação ao máximo, v. 25] por meio do sacerdócio levítico (porque sob ele o povo recebeu a lei), que necessidade havia ainda de que outro sacerdote surgisse segundo a ordem de Melquisedeque, e não será contado segundo a ordem de Arão? Porque, mudando-se o sacerdócio, necessariamente se faz também mudança da lei. altar. Pois é manifesto que nosso Senhor procedeu de Judá; sobre qual tribo Moisés [através de quem Deus deu a lei da Antiga Aliança] nada falou a respeito de sacerdotes. E o que dizemos é mais evidente, se segundo a semelhança de Melquisedeque surge outro sacerdote, que foi feito, não segundo a lei de um mandamento carnal [carnal] [a lei da Antiga Aliança], mas segundo o poder de uma vida sem fim [de Cristo depois de sua ressurreição]: pois dele é testemunhado: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque. Pois há uma anulação do mandamento anterior, por causa de sua fraqueza e inutilidade (pois a lei não aperfeiçoou nada), e uma introdução sobre ele de uma esperança melhor, pela qual nos aproximamos de Deus. E na medida em que não é sem juramento (pois eles [segundo a ordem de Aarão, o sacerdote levítico] de fato foram constituídos sacerdotes sem juramento; mas ele [Cristo] com juramento aquele que diz dele), O Senhor jurou e não se arrependeu: Tu és sacerdote para sempre; Por tanto também Jesus se tornou fiador de uma melhor aliança. E foram constituídos sacerdotes muitos em número [sucessivamente], porque pela morte são impedidos de continuar; mas aquele, porque permanece para sempre, tem o seu sacerdócio imutável. "Portanto, pode salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus, visto que vive para interceder por eles."

A passagem acima está dizendo que não há "salvação ao extremo" (nenhuma salvação eterna) sob o sacerdócio levítico da Antiga Aliança. Nenhum sacerdote, e nem mesmo toda a sucessão do sacerdote mortal, poderia fornecer a salvação além de sua vida na terra, pois os sacrifícios que ofereciam ano após ano valiam não mais do que um ano de cada vez - portanto, não além da vida na terra. Portanto, mesmo aqueles que viviam sob a Antiga Aliança poderiam ter a vida eterna somente por meio do sacerdócio perpétuo e posterior de Jesus Cristo, cujo benefício de um único sacrifício de si mesmo pelos pecados foi retroativo para fornecer sua salvação na eternidade (observado no c. abaixo). em 9:15) – porque o sangue de animais que os sacerdotes levíticos repetidamente ofereciam não podia "tirar pecados" (10:4) a ponto de "não ser mais lembrado,

b. "Mas agora alcançou ele [Cristo] ministério tanto mais excelente, quanto é também mediador de uma melhor aliança [da qual Moisés foi o mediador], a qual está confirmada em melhores promessas. primeira aliança tivesse sido irrepreensível [isto é, se não fosse inadequada para 'salvação total'], então nenhum lugar teria sido buscado por uma segunda. dividido no reino de Israel e no reino de Judá], diz ele: Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que farei uma Nova Aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá; Não conforme a aliança que fiz com seus pais no dia em que tomei pela mão para os tirar da terra do Egito; porque não permaneceram na minha aliança, e não atentei para eles, diz o Senhor [ver Jeremias 31:31–34] (...) Dizendo: Um novo convênio, tornou antigo o primeiro. Mas o que envelhece e envelhece, está prestes a desaparecer." (8:6-13)

c. Já referido acima: "E por esta causa ele [Cristo] é o mediador de uma nova aliança, para que, havendo a morte para remissão das transgressões cometidas sob a primeira aliança, os que foram chamados recebam a promessa de herança eterna ['salvação ao máximo']". (9:15)

Por favor, leia cuidadosamente os capítulos 7-10 de Hebreus, dos quais tirei apenas trechos e observe particularmente que:

(a) o que ocorreu sob a Antiga Aliança foram tipos e sombras de "coisas boas por vir" (10:1) sob a Nova Aliança, e

(b) Ele tira o primeiro, para que possa estabelecer o segundo. (10:9)

2. Por favor, leia também 2 Coríntios 3 e observe o seguinte:

a. O que está "escrito e gravado em pedras", ou seja, os Dez Mandamentos da Antiga Aliança, contendo o mandamento do sábado (Êxodo 31:18; 32:15; 34:28), passou (vs. 4-16).

b. Afirma-se especificamente que "a Antiga Aliança... foi abolida em Cristo" (v. 14).

3. Observe Colossenses 2:16-17, que diz o seguinte: "Portanto, ninguém vos julgue pela comida, ou pela bebida, ou por causa de um dia de festa, ou de lua nova, ou de sábado [todos os quais pertencem à Antiga Aliança]: que são sombras das coisas vindouras; mas o corpo [lançando a sombra, por assim dizer] é de Cristo [literalmente, 'de Cristo', como na versão King James]."

Os dez mandamentos ainda são válidos?

Agora, se "os Dez Mandamentos ainda são tão verdadeiros hoje quanto quase dois mil anos atrás", se você quer dizer que eles ainda são tão "obrigatórios" hoje como eram então, depende se eles também foram incorporados à Nova Aliança lei, ou lei de Cristo. É livremente admitido que todos eles foram assim incorporados, exceto o mandamento do sábado. Mas em Colossenses 2:16-17, citado acima, vemos isso especificamente incluído na categoria de coisas pelas quais não devemos ser julgados – isto é, não ser condenados por não observá-las – significando, portanto, que elas são não obrigatório sob Cristo.

Isso é básico e significa que houve uma mudança na lei pelo próprio Deus, de modo que sob Cristo o mandamento do sábado não é mais obrigatório – uma conclusão que eu acho que está além de qualquer contradição bem-sucedida. E, logicamente, eu poderia parar com isso sozinho.

Mas prometi "esforçar-me para ser abrangente o suficiente para fornecer uma visão suficientemente detalhada para uma perspectiva clara e adequada do que acredito ser o ensino das escrituras sobre o assunto em consideração" - um aprimoramento e uma confirmação adicional da racionalidade divina, por favor. E isso eu agora tento nas escrituras da Antiga e da Nova Aliança, embora isso signifique um tratamento muito, muito mais longo.

1. Situação do sábado sob a lei da nova aliança.

Em Gálatas 4:10-11, o apóstolo Paulo, ao escrever aos cristãos gentios que estavam sendo influenciados por mestres judaizantes para serem circuncidados e guardarem a lei da Antiga Aliança de Moisés para serem salvos (ver Atos 15:1-5), disse: "Vocês observam dias [que incluiriam dias de sábado], e meses, estações e anos. Tenho medo de vocês, para que eu não tenha trabalhado em vão sobre vocês." E, com relação à circuncisão, que havia sido exigida na Antiga Aliança, ele disse: "... se receberdes a circuncisão, Cristo de nada vos aproveitará. Sim, eu testifico novamente a todo homem que recebe a circuncisão, que ele é um devedor de cumprem toda a lei. Estais separados de Cristo, vós que haveis de ser justificados pela lei. Decaístes da graça... Porque em Cristo Jesus nem a circuncisão tem valor algum, nem incircuncisão; mas a fé que opera pelo amor" (Gálatas 5:2-6).

O princípio visto acima é este: Sob Cristo a "circuncisão" não é ordenada, nem é proibida se não for feita para obedecer à lei da Antiga Aliança para ser salvo. Mas se for feito porque exigido pela lei da Antiga Aliança, e para sermos justificados ou salvos, isso nos obriga a guardar toda essa lei, mas nos separa de Cristo e, portanto, da graça de Deus por meio de Cristo, sem a qual não podemos ser salvos. Esse princípio, aplicando-se a qualquer comando do Antigo Pacto não incorporado à lei do Novo Pacto, INCLUI O COMANDO DO "SÁBADO", JÁ REVISADO EM Colossenses 2:16-17.

E, visto que nessa passagem o "sábado" está listado entre os itens que "são uma sombra das coisas futuras" – "tendo a lei uma sombra dos bens futuros" (Hebreus 10:1) – isto é, que virão por meio de Cristo, que é o mediador da Nova Aliança – isso torna importante examinar o sábado mais profundamente, tanto na Antiga quanto na Nova Aliança, para uma perspectiva ainda mais ampla e uma percepção mais clara dele.

2. O sábado nas escrituras da Antiga Aliança: Gênesis a Malaquias.

- a. Mencionado pela primeira vez (Gênesis 2:1-3): "E os céus e a terra foram acabados, e todo o exército deles [nos seis dias de Gênesis 1]. E no sétimo dia Deus terminou sua obra que havia feito e no sétimo dia descansou de toda a sua obra que tinha feito. E abençoou Deus o sétimo dia, e o cavou, porque nele descansou de toda a sua obra que Deus tinha criado e feito."

O verbo hebraico aqui traduzido como "descanso" é shabath, que significa cessar ou descansar. O sétimo dia, que marcou a cessação da obra de criação de Deus, passou a ser chamado de "sábado" (shabbath) ou "dia sabático". Ele marcou o fim da primeira semana da existência da terra e o início de uma sucessão semanal de sétimos dias, mais tarde mencionados por Deus como "meus sábados" (Êxodo 31:13; Levítico 19:3, 30; 26: 2).

- b. Segunda Menção (Êxodo 16): Israel, recentemente liberto da escravidão egípcia e estava nos estágios iniciais de sua longa jornada para a terra prometida de Canaã, foi conduzido ao deserto de Sin, não muito longe do Monte Sinai, onde eles ficaria acampado por um ano e receberia a lei da Antiga Aliança, com seus famosos Dez Mandamentos, que incluíam a legislação sabática da qual estamos tratando agora.

A comida havia acabado no deserto de Sin, e o povo murmurava. "Então disse Jeová a Moisés: Eis que farei chover pão do céu para vós; e o povo sairá e colherá a porção para cada dia, para que eu o prove se anda na minha lei ou não. E acontecerá ao sexto dia que prepararão o que colherem, e será o dobro do que colhem cada dia" (16:4-5).

E no primeiro sexto dia, Moisés explicou ao povo da seguinte forma: "Isto é o que Jeová falou: Amanhã é um descanso solene, um sábado santo para Jeová: Assai [hoje] o que haveis de assar, e fervei o que cozeréis; e tudo o que sobrar, guardai-vos para a manhã" (16:23). E quando amanheceu, Moisés disse ainda: "Comei hoje, porque hoje é sábado para Jeová: hoje não o achareis no campo. Seis dias o colhereis; mas no sétimo dia é o sábado, nele haverá não haverá" (vs. 25-26).

Algumas pessoas saíram de qualquer maneira no dia de sábado para colher, mas não encontraram nada. "E Jeová disse a Moisés [para ser entregue ao povo]: Até quando recusareis a guardar os meus mandamentos e as minhas leis? Porque Jeová vos deu o sábado, por isso no sexto dia vos dá pão para dois dias; cada um no seu lugar, ninguém saia do seu lugar no sétimo dia. Assim o povo descansou no sétimo dia" (vs. 28-29).

Isso foi um prelúdio e um condicionamento para o mandamento do sábado como uma parte especialmente significativa da aliança entre Deus e Israel, que logo seria feita no Sinai.

- c. Terceiro Mencionado (Êxodo 20); No terceiro dia depois que Israel chegou ao deserto do Sinai, Deus falou de maneira impressionante do cume do Monte Sinai os Dez Mandamentos que mais tarde ele escreveu em duas tábuas de pedra e entregou a Moisés. Ele começou dizendo: "Eu sou Jeová, teu Deus, que te tirei da terra do Egito e da casa da servidão" (v. 2). O primeiro comando era não ter outros deuses antes (ou além) dele. E a quarta foi: "lembra-te do dia de sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra; mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus; não farás nenhum trabalho, nem tu nem a tua filha, nem o teu servo, nem o teu gado, nem o estrangeiro que está dentro das tuas portas; porque em seis dias o Senhor fez o céu e a terra, o mar e tudo o que neles há, e ao sétimo dia descansou,
- d. Outras Escrituras Explicativas - que enfatizam o tremendo significado e importância do sábado do sétimo dia para Israel: Êxodo 31:12-17: "Verdadeiramente guardareis os meus sábados: porque é um sinal entre mim e vós nas vossas gerações; para que saibam que eu sou o Senhor que vos santifiquei....Portanto os filhos de Israel guardarão o sábado, guardando-o nas suas gerações por pacto perpétuo. Entre mim e os filhos de Israel é um sinal para sempre nas suas gerações. porque em seis dias Jeová fez os céus e a terra, e no sétimo dia descansou e revigou-se.

O plural, "sábados", refere-se simplesmente ao sábado do sétimo dia em suas recorrências semanais (cada semana tendo um sábado) - portanto, "Em verdade guardareis os meus sábados: porque é um sinal entre mim e vós ao longo das vossas gerações. "

Deuteronômio 4:7-8: "Pois que grande nação existe, que tem um deus tão próximo a eles, como Jeová, nosso Deus, sempre que o invocamos? diante de você neste dia?" Isso Moisés disse em seu discurso de despedida a Israel quarenta anos depois de dar a lei inicialmente no Sinai, que ele estava repetindo agora pouco antes de sua morte e sua entrada em Canaã sob a liderança de Josué.

Deuteronômio 5:12-15: Quando Moisés repetiu o mandamento do sábado de Êxodo 20: 8-11 , exigindo descanso do trabalho no dia de sábado, mesmo para o "servo" e a "serva", ele acrescentou: "E te lembrarás de que foste servo na terra do Egito, e o Senhor teu Deus te tirou dali com mão forte e braço estendido; por isso o Senhor teu Deus te ordena que guardes o dia do sábado" (v. 15).

Ezequiel 20: Séculos depois, quando os anciãos de Israel vieram ao profeta Ezequiel para consultar a Jeová por meio dele, Jeová fez com que ele os lembrasse duas vezes do fato declarado acima em Êxodo 31:12-17, como segue:

- (a) "Além disso, também lhes dei os meus sábados, para servirem de sinal entre mim e eles, para que soubessem que eu sou o Senhor que os santifico" (v. 12); e
- (b) "meus sábados... serão um sinal entre mim e vós, para que saibais que eu sou Jeová vosso Deus" (v. 20).

Neemias 9:12-15: Cerca de um século e meio depois, após o retorno de Israel do cativeiro babilônico, quando em uma assembléia geral em Jerusalém uma oração solitária de ação de graças foi dirigida a Deus na qual a história geral de suas relações com Israel foi contada a partir do chamado de seu ancestral Abraão até o tempo presente, entre outras coisas foi dito: "Tu também desceste ao Sinai, e falaste com eles do céu, e lhes deste ordenanças corretas e leis verdadeiras, bons estatutos e mandamentos, e lhes fizeste conhecer a tua santa sábado, estes mandamentos, e estatutos, e uma lei, por meio de Moisés, teu servo, e lhes deste pão do céu para a fome, e lhes tiraste água da rocha para a sede, e ordenaste-lhes que entrassem em possuir a terra que juraste dar-lhes".

Isaías 66:23-24, agora mencionado por último, embora cronologicamente, cerca de um século antes do texto de Ezequiel, é diferente de todos os anteriores, sendo uma promessa profética a Israel de um tempo em que "toda a carne" (todas as nações) adorarão o Deus de Israel "de sábado a sábado, " como segue: "Porque, como os novos céus e a nova terra, que eu farei, permanecerão diante de mim, diz Jeová, assim permanecerá a sua semente e o seu nome. E acontecerá que, desde uma lua nova até outro, e desde um sábado até o outro, virá toda a carne [gentios, bem como israelitas] a adorar perante mim, diz Jeová".

A título de resumo do exposto, temos o seguinte:

- (1) Deus deu seus sábados ao Israel carnal como um sinal entre ele e eles da aliança feita com eles no Sinai como seu povo especialmente escolhido (Êxodo 31:12-17; Ezequiel 20:12, 20), separando-os de todos os outros. Não há registro de observância humana do sétimo dia da semana como um dia de descanso solene para Jeová antes de ser dado a Israel como tal – um período de nada menos que 2.500 anos da história humana – não antes do dilúvio, por Adão, Abel, Sete, Enoque, Noé ou qualquer outro – e não depois do dilúvio, por Abraão, Isaque, Jacó ou qualquer outra pessoa ou povo.

No entanto, a palavra "semana" (hebraico shabua, um sete) ocorre em Gênesis 29:27-28, relatando as línguas usadas por Labão em conversa com Jacó mais de 250 anos antes da concessão do "sábado" de Jeová a Israel no Sinai. Assim, sem dúvida, o ciclo de sete dias foi derivado dos seis dias da criação mais o dia de descanso de Deus da criação no sétimo dia - ainda sem qualquer registro do sétimo dia sendo imposto ao homem como um descanso para Jeová, até que seja dado a Israel como um sinal da aliança entre ele e eles como seu então povo especial escolhido, conforme declarado acima.

- (2) Nenhuma outra grande nação tinha um deus ou aliança como o Deus e a aliança de Israel e, por implicação, nenhum sábado para guardar. (Deuteronômio 4:7-8; 5:12-15) Por analogia, foi como quando um marido dá à esposa uma aliança de casamento como sinal do pacto de casamento entre ele e ela, e somente eles, colocando-a além de todos os outros. E o próprio Deus comparou isso a tal aliança, dizendo: "que minha aliança eles quebraram, embora eu fosse um marido para eles" (Jeremias 31:32).

Além disso, o sábado do sétimo dia era especialmente apropriado como um sinal entre Deus e Israel da aliança que eles firmaram no Sinai. Pois seu sábado significava o fim de todo o trabalho que ele havia feito durante os seis dias da criação e o comemorava (Gênesis 2:1-3). E dar seus sábados a Israel também simbolizava e comemorava o fim de sua servidão no Egito, de acordo com Deuteronômio 5:15. Isso simbolizava o fato de que o Deus da criação era agora o Deus de Israel, e eles não deveriam ter outro - assim como nenhuma outra nação compartilhou isso na história, ou o sábado para guardar como um descanso solene para Jeová.

- (3) Tornar conhecido a Israel seu "santo sábado" foi um dos eventos que se agruparam ao redor e sobre a descida de Deus "no monte Sinai" e falando com eles do céu (Neemias 9:13-15). E a ignorância anterior deles é evidenciada pela conduta de alguns deles quando sua observância foi preliminarmente ordenada no deserto de Sin em conexão com o início de Deus para alimentá-los com o maná (Êxodo 16).
- (4) A referência em (2) acima à quebra da aliança de casamento entre Jeová e eles por Israel, incluiu também a "profanação" do dia de sábado, o sinal da aliança entre eles e ele, por não o santificar, como um dia de descanso para Jeová. A primeira menção de tal profanação é encontrada em Números 15:32-36. Mas outras referências são numerosas demais para serem citadas aqui.
- (5) Por fim, a promessa profética em Isaías 66:22-23 a Israel envolvendo o sabbatismo na nova terra que ele faria, não se refere à guarda do sábado nesta terra atual sob a Nova Aliança da qual Cristo é o mediador, substituindo o Antiga Aliança da qual Moisés era mediador, mas para o sabbatismo final para os remidos de todas as nações do mundo ainda por vir. Embora a referida promessa tenha sido expressa na linguagem do sabbatismo então presente sob a Antiga Aliança (como vir adorá-lo "de um sábado a outro" e "de uma lua nova a outra"), ela teve que ser usada figurativamente, embora, no entanto, expressivo do sabbatismo perpétuo.

Pois, como o apóstolo João viu em sua visão em Patmos, da "nova terra", com sua "cidade santa, nova Jerusalém" (Apocalipse 21:1 - 22:5), "a cidade não precisa do sol, nem da lua para resplandecer sobre ela, porque a glória de Deus a iluminou, e a sua luz é o Cordeiro" (21:23); "e as suas portas de modo algum se fecharão de dia (porque ali não haverá noite)" (v. 25); "e não haverá mais noite; e eles não precisarão de luz de lâmpada, nem de luz do sol; porque o Senhor Deus os iluminará" (22:5).

Além disso, os três versículos anteriores são seguidos por um versículo final com a seguinte leitura, que, sendo simultâneo no tempo, também deve ser figurativo: "E eles sairão e verão os cadáveres dos homens que transgrediram contra mim porque o seu verme nunca morrerá, nem o seu fogo se apagará; e serão um horror para toda a carne" (Isaías 66:24).

As frases sublinhadas [pois o seu verme não morrerá, nem o seu fogo se apagará] foram posteriormente empregadas por Jesus, conforme registrado na escritura da Nova Aliança de Marcos 9:43-48, aplicando-se ao "verme" e ao "fogo" do "inferno" (Geena). Este último era literalmente o Vale de Hinom, que passou a ser usado como lixão da cidade nos arredores da Jerusalém terrena, não apenas do lixo, mas também de carcaças insepultas, "onde os vermes roíam e o fogo queimava" (conforme expresso em AT Robertson's Word Pictures in the New Testament). Mas foi empregado por nosso Senhor figurativamente do "fogo eterno que foi preparado para o diabo e seus anjos" (Mateus 25:41), - chamado "o lago de fogo" em Apocalipse 20:14-15 - onde os injustos "irão para o castigo eterno" (v. 26), do julgamento universal quando Jesus voltar (Mateus 25:31-46), que se seguirá à ressurreição universal dos mortos e à fuga da terra e do céu atuais (evidentemente seu céu atmosférico e possivelmente os céus siderais, mas não a morada de Deus) (Apocalipse 20:11-15). Certamente, no entanto, o lago de fogo eterno não estará nos arredores ou acessível aos olhos dos habitantes redimidos da "cidade santa, Nova Jerusalém" (Apocalipse 21:1 - 22:5).

Por tais razões, a passagem de Isaías 66:23-24 a respeito do sábado na "nova terra" que Jeová ainda iria "fazer" parece ser apropriadamente caracterizada no Comentário de Elliott sobre a Bíblia Inteira, como segue: "Está na natureza do caso que as palavras nunca receberam, e nunca podem receber, um cumprimento literal. A verdadeira realização é encontrada na nova Jerusalém de Apocalipse 21:22-27 do sabbatismo perpétuo de Hebreus 4:9, e até mesmo aquele glorioso visão é apenas um símbolo de realidades espirituais."

Tem sido dito apropriadamente que o Antigo Testamento é o Novo Testamento oculto, e o Novo é o Antigo revelado. Portanto, agora voltamos principalmente ao Novo para as coisas prenunciadas pelo Antigo.

Observações das Escrituras da Nova Aliança

1. Que a passagem da Antiga Aliança de Isaías 66:22-23 nos cita a um sabbatismo perpétuo que deve ser o descanso final para o povo de Deus, a ser desfrutado por meio de Jesus Cristo, e prefigurado, mas não desfrutado sob a Antiga Aliança, e não antes de nossa terra atual ter sido substituída por uma nova e eterna, após a segunda vinda de Cristo a esta terra no final de sua história, é evidenciado, entre outras passagens, pelas seguintes passagens básicas:

a. 2 Pedro 3:10-13: “Mas o dia do Senhor [o dia de sua 'vinda'. v.4] virá como ladrão; no qual os céus [evidentemente os céus atmosféricos e possivelmente os céus siderais, como já mencionado] passarão com grande estrondo, e os elementos se desfarão ardendo, e a terra e as obras que nele estão serão queimadas. Visto que todas essas coisas serão dissolvidas, que tipo de pessoa devemos ser em toda uma vida santa e piedosa, esperando e desejando sinceramente a vinda do dia de Deus, por razão dos quais os céus, em fogo, se desfarão e os elementos se desfarão ardendo? Mas de acordo com sua promessa [onde senão em Isaías 66:22-23?], esperamos novos céus e uma nova terra, onde habita a justiça .”

b. Apocalipse 20:11-15: "E vi um trono branco e o que estava assentado sobre ele, de cuja face fugiram a terra e o céu; e não se achou lugar para eles; e vi os mortos, grandes e o menor em pé diante do trono; e abriram-se os livros; e abriu-se outro livro, que é o da vida; e os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras. E o mar entregaram os mortos que neles havia; e foram julgados cada um segundo as suas obras. ... e se alguém não foi achado inscrito no livro da vida, foi lançado no lago de fogo.”

Assim, temos a presente "terra e o céu" fugindo em conexão com a ressurreição universal e julgamento da humanidade, como visto pelo apóstolo João em suas visões do futuro enquanto exilado na Ilha de Patmos.

c. Apocalipse 21:1 - 22:5: Embora seja muito para citar aqui, deve ser lido cuidadosamente em sua totalidade. É uma visão do que foi dito acima sendo seguido por um novo céu e uma nova terra para os justos de todas as nações, com a "cidade santa, a nova Jerusalém [em contraste com a Jerusalém terrena da Palestina] descendo do céu da parte de Deus" ("a cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial" (Hebreus 12:22).

Esta "nova terra" e "a cidade santa, Nova Jerusalém", eram evidentemente o "país celestial" e "a cidade que tem os fundamentos, cujo construtor e criador é Deus", procurado por Abraão, Sara, Isaque e Jacó. (Hebreus 11:8-16) como o máximo para eles, em vez de Canaã, que era apenas um tipo ou "sombra" do que estava por vir.

“E todos estes [incluindo as pessoas que acabamos de mencionar, além de muitos outros também citados por sua fé], tendo recebido testemunho pela fé, não alcançaram a promessa [do país e cidade celestiais], provendo Deus alguma coisa melhor concernente a nós [do que concedido nesta terra], para que sem nós eles não sejam aperfeiçoados" (Hebreus 11:39-40). Ou seja, eles não entrarão na perfeição do mundo vindouro antes da ressurreição, quando Cristo vier à terra novamente, o mesmo que será verdade para nós.

d. Hebreus 3:1 - 4:11: Aqui, novamente, temos uma passagem extensa (que, por favor, leia por completo, observando sua progressão).

Começo:

“Portanto, santos irmãos, participantes da vocação celestial, considerai o Apóstolo e Sumo Sacerdote de nossa confissão, sim, Jesus, ... um filho sobre sua casa [de Deus] [no sentido de 'família'], cuja casa somos nós, se retemos firmes a nossa ousadia e a glória da nossa esperança até ao fim" (3:1-6).

Continuando:

Lembrando os leitores da descrença e infidelidade de tantos do Israel carnal e, portanto, de nunca entrarem no descanso destinado a eles na Canaã terrestre: também exortando a aceitar o aviso disso e não perder o descanso destinado ao Israel espiritual na Canaã celestial (3:7 - 4:8).

concluindo:

“Resta, pois, um descanso sabático para o povo de Deus. segundo o mesmo exemplo de desobediência" (4:9-11). Este último pode nos lembrar de Apocalipse 14:13: "Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor; sim, diz o Espírito, para que descansem das suas fadigas, porque as suas obras os acompanham.”

2. Para uma perspectiva geral completa e clara, precisamos de uma pesquisa mais aprofundada dos eventos e desenvolvimentos relevantes na era da Nova Aliança, entre a primeira e a segunda vinda de Cristo, quando o "sábado" da Antiga Aliança não era mais obrigatório, e por que não, uma vez que todos os outros mandamentos do Decálogo (Êxodo 20:1-17) também foram incorporados à lei da Nova Aliança. Então, vamos começar com o porquê de não vincular, após o seguinte cuidado:

CUIDADO: O leitor pode achar que alguns dos itens a seguir são mais tediosos e técnicos do que partes anteriores, mas ele precisa saber que cada item é importante para entender o que, de outra forma, poderia parecer informações conflitantes aqui e ali. Certa vez, no meio de uma série de parábolas relativas ao seu reino vindouro (Mateus 13:1-58; Marcos 4:1-34 e Lucas 8:4-15), Jesus declarou: "Assim é o reino de Deus, como se um homem lançasse a semente sobre a terra, e dormisse e acordasse noite e dia, e a semente brotasse e crescesse, ele não sabe como. A terra produz frutos de si mesma; primeiro a erva, depois a espiga, depois o grão cheio na espiga. Mas, estando o fruto maduro, logo mete a foice, porque é chegada a ceifa" (Marcos 4:26-29).

Isso sugere fases sucessivas de etapas do reino, que precisam ser reconhecidas se pudermos evitar confusão. E em outra parte da série de parábolas acima mencionada, "A semente é a palavra de Deus" (Lucas 8-10), "a palavra do reino" (Mateus 13:19); e "a colheita é o fim do mundo" (Mateus 13:39), quando os ímpios são "separados" dentre os justos e lançados "na fornalha de fogo" (vs. 47-50) - que será na segunda vinda de Cristo (Mateus 25:31-46) - quando os justos "herdarão o reino" (v. 34) e entrarão "na vida eterna" (v. 46), "no mundo vindouro" (Marcos 10:29-30; Lucas 18:29-30) - sua "entrada no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo" (2 Pedro 1:

Em poucas palavras, descobriremos

- (1) uma fase preliminar e
- (2) uma fase completa do reino dos céus neste mundo, entre a primeira e a segunda vinda de Cristo; e então
- (3) um estágio final (ou melhor, a continuidade eterna da fase celestial) no mundo vindouro após o fim do mundo – o primeiro sendo probatório, preparatório para entrar no terceiro.

Também podemos pensar naqueles que entram no estágio nº 1 como sendo cidadãos fundadores do nº 2 (se fiéis), e então os cidadãos fiéis deste último como entrando e herdando o nº 3. no qual eles desfrutarão do "descanso sabático" que permanece "para o povo de Deus", conforme prometido em Hebreus 4:9 e observado anteriormente, distinto do sábado do "sétimo dia" da lei da Antiga Aliança, mas não faz parte da lei da Nova Aliança sob Jesus Cristo, como já vimos.

Observe por que o sábado do sétimo dia não faz parte da lei da Nova Aliança antes de prosseguir para outras considerações relevantes.

- a. Como já bem documentado, o sábado do sétimo dia havia sido dado a Israel segundo a carne, e somente ele, no Sinai, como um sinal da aliança então feita por Jeová com o povo de Israel, separando-os e distinguindo-os. do resto das nações do mundo (gentios), e foi historicamente mais apropriado para esse propósito.

Mas em Cristo, essa distinção e separação não existem mais. E a Antiga Aliança fazendo e exigindo isso deu lugar a uma Nova Aliança que não apenas não os exige, mas os oblitera - abrangendo gentios, bem como judeus, e em termos idênticos, tornando-os todos uma nação, uma Israel espiritual (veja Efésios 2:11-22; Romanos 2:28-29; 9:6-8; Gálatas 3:26-29; 6:16, esta última passagem chamando-o especificamente de "o Israel de Deus").

O próprio Jesus havia dito: "Tenho outras ovelhas [gentios] [em propósito e perspectiva] que não são deste [judaico] aprisco; elas também devo conduzir, e elas ouvirão a minha voz; e elas se tornarão um rebanho [com ovelhas judaicas], [tendo] um pastor" - ou, leitura alternativa, "haverá um rebanho, um pastor" João 10:21). Além disso, ele havia dito: "E eu, quando for levantado da terra, todos atrairei [judeus e gentios] a mim mesmo" (João 12:32).

E antes de sua ascensão, ele comissionou que o evangelho fosse pregado igualmente a todas as nacionalidades (Mateus 28:19-20; Marcos 16:15-16 e Lucas 24:46-47) - o que era, "ao judeu primeiro, e também ao grego [gentio]" (Romanos 1:16) - começando em 34 dC até o primeiro (Atos 2), e aparentemente por volta de 41 dC até o último (Atos 10-11).

Portanto, continuar a vincular o sinal da Antiga Aliança entre Deus e Israel de acordo com a carne na era da Nova Aliança (após a morte, ressurreição e ascensão de Cristo) seria uma anomalia - a par com a circuncisão obrigatória da carne sob a Antiga Aliança como um sinal dos descendentes de Abraão segundo a carne, que os cristãos gentios não

são. Por outro lado, todos os mandamentos do Decálogo da Antiga Aliança, exceto o mandamento do sábado, seriam tão apropriados para os cristãos, sejam de origem judaica ou gentia, como eram para o Israel carnal sob a Antiga Aliança - e, portanto, foram incorporadas à lei da Nova Aliança.

Com esse motivo tão relevante, poderíamos encerrar novamente nosso estudo. Mas continuaremos com eventos e desenvolvimentos relevantes em conexão com a era da Nova Aliança, entre a primeira e a segunda vinda de Cristo, quando o mandamento do sábado da lei da Antiga Aliança deixou de ser obrigatório. Pois tais desenvolvimentos e eventos darão uma perspectiva ainda melhor em alguns aspectos e nos ajudarão a evitar alguns erros muito comuns. (Algumas repetições, mas para diferentes ênfases, podem ser notadas.)

- b. "A lei e os profetas [representando a Antiga Aliança] vigoraram até João [o Batista, o precursor de Jesus]: desde então é pregado o evangelho do reino de Deus [que substituiu o reino do Israel carnal], e todo homem entra violentamente", disse Jesus (Lucas 16:16). Ou seja, aqueles que entraram o fazem contra muita oposição. Pois, ele também disse: "Ai de vós, doutores da lei! Pois tirastes a chave do conhecimento; e impedistes os que entram" (Lucas 11:52); também: "Mas ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Porque fechais o reino dos céus aos homens; porque vós mesmos não entraís, nem permitis aos que estão entrando entrar" (Mateus 23:13).
- c. Essa "entrada", no entanto, foi apenas na fase preliminar e preparatória do reino na terra, pregada primeiro por João e depois por Jesus como "próximo" (Mateus 3:1-2; 4:1) - ainda não totalmente vir. Por isso Jesus pôde dizer aos fariseus que perguntavam quando viria o reino de Deus: "o reino de Deus está dentro de vós" (Lucas 17:21), ou "no meio de vós", como na margem do American Standard Version, ou "entre vocês", como a Nova Bíblia Inglesa e algumas outras versões têm - provavelmente significando entre eles na pessoa dele mesmo, seu futuro rei, e talvez também aqueles já descritos como "entrando" em isto. No entanto, ele ensinou seu discípulo a orar: "Venha o teu reino" (Mateus 6:10), porque ainda não chegou totalmente como prometido.

Mais tarde, porém, seis dias antes de sua transfiguração, Jesus fez duas declarações significativas:

- (1) Ao apóstolo Pedro, depois que ele o confessou como "o Cristo, o filho do Deus vivo", dizendo: "... sobre esta pedra [evidentemente a verdade que Pedro havia confessado sobre ele] edificarei a minha igreja; e ... darei a ti o chaves do reino dos céus" (Mateus 16:16-19).
- (2) Então a todos os seus apóstolos, dizendo: "Há alguns aqui que aguardam, que de maneira alguma provarão a morte [mas Judas Iscariotes, cometendo suicídio], até que vejam o reino vir com poder" (Marcos 9:1; cf. Mateus 16 :28) - que ocorreu em Pentecostes, quarenta dias após sua ressurreição e cerca de dez dias após sua ascensão (Atos 1:1-9 e capítulo 2), para ser notado mais detalhadamente mais tarde.

NOTA: (1) O "reino" mencionado muitas vezes de forma intercambiável como "reino de Deus" ou "reino dos céus", também é referido como o reino de Cristo (ver Mateus 16"28; Lucas 1:31-32; 22: 29-30; 23:42; João 18:36-37; Colossenses 1:13; 2 Pedro 2:11 e Apocalipse 1:9), e também é chamado de "o reino de Cristo e de Deus" (Efésios 5:5; cf. Apocalipse 11:15) - com Cristo sentado "à direita de Deus [como co-regente]" (Marcos 16:19; Atos 2:33; Romanos 8:34; Colossenses 3:1; Hebreus 10:12 ; 1 Pedro 3:22 e Apocalipse 3:21).

- (3) Além disso, os termos "igreja" e "reino", que ocorrem em versículos consecutivos (Mateus 6:18 e 19), também são usados de forma intercambiável porque os membros de um são os cidadãos do outro na terra e, nesse sentido, são o mesmo. Portanto, em Colossenses 1:13, o apóstolo Paulo falou dos "santos" em Colossos (o "corpo" do povo de Cristo e, portanto, sua "igreja" ali (1:1, 24) como tendo sido "traduzidos [por Deus]... para o reino do Filho do seu amor." E o apóstolo João, que dirigiu o Livro do Apocalipse às "sete igrejas que estão na Ásia" (1:4), também se descreve como "vosso irmão e participante convosco a tribulação, o reino e a paciência que há em Jesus" (v. 9).

- d. Na passagem mencionada acima, "a lei e os profetas" eram representantes da Antiga Aliança entre Deus e Israel (que era para Deus "um reino", Êxodo 19:6, do qual Davi era o rei mais próximo do ideal, governando sobre o povo da aliança de Deus na terra para Deus, e levando-os à vitória sobre seus inimigos), da qual Moisés era o mediador da aliança e os profetas eram, entre outras coisas, intérpretes de sua lei para o povo. Por outro lado, "o reino de Deus" ou "reino dos céus" mencionado acima e em outros textos do Novo Testamento, representa a Nova Aliança, da qual Cristo é o mediador (Hebreus 8:6; 9:15; 12: 24), e sob o qual Ele é rei, governando o povo de Deus para Deus e conquistando inimigos, como fez seu ancestral carnal Davi. Sua futura mãe foi prometida, "Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; e o

Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai; e reinará eternamente na casa de Jacó [Israel] e no seu reino. não haverá fim" (Lucas 1:32-33). (Compare também a profecia do Antigo Testamento de Isaías 9:6-7).

- e. O reinado de Cristo, no entanto, não seria sobre o "Israel segundo a carne" (cf. 1 Coríntios 10:18), mas sobre o Israel espiritual (cf. Romanos 2:17-29; 4:1-12). E incluiria todos os gentios, bem como todos os israelitas que abraçariam a Nova Aliança feita por Deus com a "casa de Israel e a casa de Judá" (Hebreus 8:8-12). Isso aconteceria depois que (1) a parede intermediária de separação entre judeus e gentios tivesse sido derrubada "através da cruz" de Cristo, a fim de "criar em si mesmo um novo homem" por assim dizer (nem judeu nem gentio de acordo com o carne, mas cristão, constituindo o Israel espiritual) e (2) pregou [a lei da Antiga Aliança, distinguindo e separando os israelitas dos gentios] na cruz, por assim dizer (veja Efésios 2:11-22; Colossenses 2:8-15) .
- f. Como mencionado anteriormente, apenas seis dias antes de sua transfiguração, Jesus disse a seus apóstolos: "Alguns, dentre os que aqui estão, de modo algum provarão a morte até que vejam chegar o reino de Deus com poder" (Marcos 9 :1; cf. Mateus 16:28) – que ocorreu no Pentecostes após a crucificação, ressurreição e ascensão de Cristo (ver Atos 1:1-9 e Capítulo 2). Isso foi aproximadamente seis meses após o anúncio acima de Jesus, e ele disse ao apóstolo Pedro: "Eu te darei as chaves do reino dos céus" (Mateus 16:19), após a confissão de Pedro sobre ele como "o Cristo , o Filho do Deus vivo". Naquela época, Jesus também havia dito: "sobre esta pedra [evidentemente a verdade que Pedro havia confessado sobre ele] edificarei a minha igreja" (vs. 16-18).
- g. Em harmonia com Marcos 9:1, mencionado acima, no qual Jesus havia dito que alguns então presentes não provariam a morte até que vissem "o reino de Deus vindo com poder", Lucas em Atos 1:1-9 relata que entre "sua paixão [seu sofrimento e morte, seguidos por sua ressurreição]" e sendo "recebido [sua ascensão ao céu]", ele encarregou seus apóstolos de "não se afastarem de Jerusalém, mas aguardarem a promessa do Pai [do Espírito Santo como seu consolador, ou ajudante, em seu lugar, depois que ele os deixou no céu (ver João 14:16-17)], o que, disse ele, ouvistes de mim: porque João [o Batista] realmente batizou com água; mas sereis batizados no Espírito Santo dentro de poucos dias... [e] recebereis poder quando o Espírito Santo descer sobre vós:

Os pontos a serem lembrados são:

- (1) os apóstolos de Cristo (exceto Judas Iscariotes) veriam o reino vir;
- (2) viria com poder;
- (3) eles mesmos receberiam poder quando o Espírito Santo viesse e eles tivessem sido "batizados" nele não muitos dias depois da ascensão de Cristo. Portanto, quando o item (3) tivesse ocorrido, os itens (1) e (2) teriam seu cumprimento.

- h. Assim, conforme registrado em Atos 2, quando chegou o dia de Pentecostes, cerca de dez dias após a ascensão de Cristo, e os apóstolos estavam todos reunidos em um só lugar, ocorreram os seguintes eventos dramáticos:

- (1) "... de repente veio do céu um som como de um vento forte e impetuoso", enchendo toda a casa onde os apóstolos estavam sentados.
- (2) "E apareceram-lhes línguas se partindo, como se fossem de fogo; e ... pousaram sobre cada um deles."
- (3) "E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar em outras línguas [outras línguas] conforme o Espírito lhes concedia que falassem."

- eu. E o apóstolo Pedro, a quem foram dadas "as chaves do reino dos céus", fez o discurso principal daquele dia inicial, na cidade de Jerusalém, onde seus primeiros trabalhos seriam por um longo período de tempo. Naquele dia, "cerca de três mil almas" responderam. E desde aquele dia "o Senhor acrescentava à igreja diariamente os que iam sendo salvos" (Atos 2:27, Nova Versão King James). Assim, no dia de Pentecostes, a "igreja" foi estabelecida; o "reino dos céus" havia chegado. E o sermão de Pentecostes de Pedro em Atos 2:22-40 continha outros pontos relevantes para nosso presente estudo.

- j. Em seu sermão, o apóstolo Pedro declarou que Cristo havia sido "ressuscitado" (dentre os mortos) e exaltado à direita de Deus no céu; que havia recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, responsável pelas manifestações milagrosas vistas e ouvidas naquele dia; e que ele iria "sentar-se à direita de Deus até que seus inimigos sejam postos por escabelo de seus pés - Jesus tendo sido feito "Senhor e Cristo" (Atos 2:22-36).

O último inimigo a ser abolido é a morte [pela ressurreição universal dos mortos (Apocalipse 20:13-20) e pela transformação dos corpos dos santos vivos em corpos incorruptíveis e imortais (1 Coríntios 15:50-57)]. ... E, quando

todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então também o próprio Filho se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos" - como o Pai fez o Filho ser para o presente – com “toda a autoridade ... no céu e na terra” (Mateus 28:18) – “anjos, autoridades e potestades sendo-lhe sujeitos” (1 Pedro 3:22).

Isso não significa que Cristo não reinará mais em nenhum sentido, pois "o trono de Deus e do Cordeiro [Cristo] estará nela [isto é, na 'cidade santa, nova Jerusalém, descendo do céu' para o 'nova terra']: e seus servos o servirão; ... e eles reinarão para todo o sempre" (Apocalipse 22:3-5) - eles também sendo co-regentes como foi com ele, veja 3:21; cf. 2 Timóteo 2:12). Embora ele ainda seja co-regente com o Pai como é agora (Apocalipse 3:21), seu reinado não será distinguido então como agora pelo papel designado de conquistar todos os inimigos do governo divino - essa designação já havia sido realizado.

k. Em seu sermão no Pentecostes, o apóstolo Pedro também citou Davi no Salmo 16:8-10, e então comentou o seguinte: “Irmãos, posso dizer-vos livremente sobre o patriarca Davi, que ele morreu e foi sepultado, e sua tumba está conosco até hoje. Sendo, portanto, um profeta [bem como rei sobre Israel], e sabendo que Deus havia jurado a ele, que do fruto de seus lombos ele colocaria um em seu trono prevendo isto, falou da ressurreição do Cristo, que nem ele ['sua alma', v. 27] foi deixado no Hades, nem a sua carne experimentou a corrupção. A este Jesus Deus ressuscitou, do qual todos nós [Pedro e os outros apóstolos] são testemunhas. Exaltado, pois, pela destra de Deus, e tendo recebido do pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vedes e ouvis" (Atos 2:

Em outras palavras, Deus ressuscitou Jesus dentre os mortos e o exalou à sua própria mão direita para "colocá-lo" no trono de Davi, conforme prometido tanto a Davi, conforme acima, quanto a Maria, a futura mãe ser do seu corpo carnal (Lucas 1:16-33).

Se isso parece estranho porque Davi reinou na terra, e Cristo reinaria no céu, deve-se reconhecer que a autoridade e não o local é significado pela palavra "trono". Observe o seguinte: "Ora, Davi, filho de Jessé, reinou sobre Israel. E o tempo que reinou sobre Israel foi de quarenta anos; sete anos reinou em Hebron, e trinta e três anos reinou em Jerusalém. E ele morreu em uma boa velhice idade, ... e seu filho Salomão reinou em seu lugar" (1 Crônicas 29:26-28). Também: “Então Salomão se assentou no trono de Jeová como rei em lugar de Davi, seu pai” (v. 33) – e foi em Jerusalém que Salomão reinou.

O trono de Salomão era o trono de Jeová, que ele ocupou no lugar de Davi, seu pai; portanto, o trono de Davi era o trono de Deus, no qual ele se sentou primeiro em Hebron, depois em Jerusalém. E o trono que Jesus ocupa no céu é o trono de Deus. Que ele ocupa juntamente com ele, à sua direita - onde "o seu reino não terá fim", segundo a promessa à virgem Maria (Lucas 1:33), embora a fase terrena dele terminaria, como já observado .

eu. Assim como Salomão era filho de Davi e herdeiro de seu trono, assim foi Cristo segundo a carne muitos anos depois. O último ocupante do trono de Davi antes de Cristo ocupá-lo foi Joaquim (2 Reis 24:8) – também chamado Jeconias (1 Crônicas 3:16) e Conias (Jeremias 22:24) – que foi levado ao cativeiro babilônico pelo rei Nabucodonosor por volta de 597 aC, onde morreu cerca de 37 anos depois. Nabucodonosor o substituiu por Zedequias, um irmão, mas não um filho, que mais tarde se rebelou e também foi levado para o cativeiro na Babilônia (2 Crônicas 36:10-21). E ao profeta Jeremias, Deus disse a respeito de Conias: "Escreve para ti este homem sem filhos, um homem que não prosperará em seus dias; porque nenhum homem de sua semente mais prosperará, assentado no trono de Davi e governando Judá" (Jeremias 22:30).

Ele não ficou sem filhos no sentido de não ter prosperidade, pois no cativeiro teve um filho, Sealtiel, que foi um dos ancestrais de Jesus (Mateus 1:12-16); mas ele não tinha filhos no sentido de não ter posteridade para sucedê-lo "sentado no trono de Davi e governando Judá". Embora Cristo evidentemente o tenha sucedido no trono de Davi, de acordo com o decreto de Deus, ele não governou em Judá, mas no céu, e nunca retornará à terra com o propósito de governar no trono de Davi em Judá e Jerusalém, como muitos hoje ensinam.

m. Além disso, uma vez que Cristo seria um "sumo sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque" (Hebreus 6:20), conforme aprendido anteriormente (p.2 acima), ele seria tanto rei quanto sacerdote, pois Melquisedeque era "rei de Salém [mais tarde chamada de Jerusalém], sacerdote do Deus Altíssimo" (Hebreus 7:1). E em Zacarias 6:12-13, que se acredita ser profético de Cristo, é dito que "ele será um sacerdote no seu trono." No entanto, "se ele estivesse na terra, não seria sacerdote" (Hebreus 8:4), e não foi feito sacerdote antes de "sofrer" na terra (Hebreus 5:7-10) e antes de entrar "dentro do véu [isto é, no próprio céu]" (Hebreus 7:17-20). Isso significa que ele ainda não era rei e, portanto, não estava no trono de Davi, até depois de sua ascensão ao céu - onde ele ainda está,

n. Isso está de acordo com o que foi previsto pelo profeta Daniel, ou seja, sua ascensão e recebimento de seu reino, como segue: "Eu vi nas visões noturnas, e eis que veio com as nuvens do céu um semelhante a um filho de homem [cf. . Atos 1:9-11], e ele veio até o ancião de dias, e eles o trouxeram para perto dele. E foi dado a ele domínio, e glória, e um reino, que todos os povos, nações e línguas deveria servi-lo: o seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e o seu reino, que não será destruído" (Daniel 7:13-14).

o. Também está de acordo com uma parábola que Jesus contou quando se aproximava de Jerusalém na última semana antes de sua crucificação, conforme registrado em Lucas 19:11-30, embora esta última cubra mais detalhes do que a anterior. Pois ele falou "porque estava perto de Jerusalém e porque eles pensavam que o reino de Deus havia de aparecer imediatamente" - o conceito popular é que seria um reino terrestre, que Roma seria derrotada pelo Messias, que iria restaurar o reino a Israel, torná-lo mundial e ocupar o trono de Davi novamente em Jerusalém depois de mais de 600 anos a partir de então, o que pode ter sido compartilhado pelos próprios apóstolos de Cristo até o momento de sua ascensão (Atos 1:6).

"Disse, pois: Um certo nobre partiu para uma terra longínqua, a fim de tomar para si um reino, e voltaria" (vs. 11-12) – (o retorno não foi incluído na visão de Daniel); e ao retornar, ele fez um ajuste de contas tanto com seus servos quanto com seus inimigos (vs. 13-30).

O próprio Cristo era o nobre, o céu o país distante, e o retorno seria sua segunda vinda - descrito em parábolas parcialmente semelhantes como depois de "muito tempo" (Lucas 20:9; Mateus 25:19); também o julgamento de seu retorno seria o julgamento final e universal no fim do mundo, com recompensa para os justos e punição para os ímpios a serem experimentados na eternidade.

O apóstolo Paulo fala disso como "sua manifestação e seu reino" (2 Timóteo 4:1) - isto é, de sua aparição e manifestação de seu reino em sua glória celestial. Mateus afirma desta forma: "Mas, quando o Filho do homem vier em sua glória, e todos os anjos com ele, então se assentará no trono de sua glória [recebida anteriormente], e diante dele serão reunidas todas as nações" (isto é, para julgamento) – quando os ímpios “irão para o castigo eterno, mas os justos para a vida eterna” (25:31-32, 46) – “vida eterna” sendo a experiência dos justos na fase celestial do reino, e "punição eterna" a dos ímpios no lago de fogo.

Outras escrituras já notadas indicam que o reino seria recebido por Cristo logo após sua chegada ao céu após sua morte, ressurreição e ascensão, quando ele receberia "toda a autoridade ... no céu e na terra" como havia sido prometido a ele (Mateus 28:19), e foi indicado no Pentecostes depois de sua ascensão como já realizada. Isso significa, então, que quaisquer referências depois disso ao reino ainda futuro (como Atos 14:23; 2 Timóteo 4:1, 18; e 2 Pedro 1:11, já mencionado) têm a ver com isso, não na terra. entre sua primeira e segunda vindas, mas para sua continuação eterna na glória celestial no mundo vindouro – quando e onde “RESTA UM SÁBADO DE DESCANSO PARA O POVO DE DEUS” Hebreus 4:8) – prefigurado pelo sábado do sétimo dia de Israel segundo a carne,

Observações Finais

1. Cristo e o sábado até sua morte (Os Evangelhos).

Cristo viveu e morreu na terra sob a lei da Antiga Aliança de Moisés, e ele e seus discípulos guardavam o sábado do sétimo dia do Decálogo, embora às vezes ele e eles violassem o que se tornou a interpretação judaica tradicional de suas restrições pretendidas - ele sendo divino como bem como humano, e conhecendo a intenção divina disso, declarou-se "senhor do sábado" (Marcos 2:28; Lucas 6:5).

Mas como já documentado, em sua morte, a lei da Antiga Aliança foi revogada e seu sangue derramado foi o sangue da Nova Aliança, que não incorporou o mandamento do sábado como nos outros nove mandamentos do Decálogo da Antiga Aliança, por razões que já foram já anotado. Após a sua ressurreição, que ocorreu no primeiro dia da semana, esse dia começa a ter destaque.

2. O Primeiro Dia da Semana Apresentado após Sua Ressurreição (Evangelhos até Apocalipse).

No domingo da ressurreição, o Cristo ressuscitado apareceu a Maria Madalena, a um grupo de mulheres, ao apóstolo Pedro, a dois discípulos no caminho de Emaús e a todos os seus apóstolos naquela noite, exceto Tomé, que estava ausente dos outros naquele momento, mas estava presente uma semana depois, quando Jesus fez sua próxima aparição registrada.

o dia de pentecostes, quando veio o reino que havia sido pregado por João Batista e depois por Jesus como "próximo", era o primeiro dia da semana - ocorrendo cinquenta dias após o sábado da semana da Páscoa (Levítico 23:15-16). E depois disso, quando cerca de três mil foram batizados e adicionados ao número dos discípulos de Cristo, "eles perseveraram no ensino dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações" (Atos 2:42) - com "o partir do pão" no contexto obviamente referindo-se a participar da "ceia do Senhor" (1 Coríntios 11:20), instituída por Cristo na noite antes de sua morte (Mateus 26:26-28; Marcos 14:22-24; Lucas 22 :19-20; 1 Coríntios 11:23-25).

Em Atos 20:6-7, temos um registro de Paulo e sua companhia, que haviam chegado sete dias antes em Trôade e permaneceram até "o primeiro dia da semana, quando estávamos reunidos para partir o pão, [e] Paulo discursava com eles [com os discípulos em Troas], pretendendo partir no dia seguinte" - implicando uma prática semanal de se reunir no primeiro dia da semana para "partir o pão" ou participar da ceia do Senhor.

Em 1 Coríntios 16:1-4, temos o apóstolo Paulo dando instruções aos santos em Corinto, como ele havia dado às igrejas na Galácia, para uma coleta para os santos necessitados em Jerusalém, dizendo: "No primeiro dia da semana [literalmente, 'de cada semana'] que cada um de vocês reserve [talvez mais precisamente, coloque no tesouro por si só', que está em um fundo separado], como ele pode prosperar, para que nenhuma coleção seja feita quando eu vier" para levar ou enviar "sua generosidade a Jerusalém" - a implicação é que suas contribuições sejam feitas todo primeiro dia da semana antes de sua chegada, por causa da reunião regular naquele dia para o culto cristão. (Veja Macknight, Apostolical Epistles, e McGarvey and Pendleton, Thessalonians, Corinthians, Galatians, and Romans, com referência a 1 Coríntios 16:2 em particular.)

Em Apocalipse 1:9, provavelmente escrito por volta de 96 dC, o apóstolo João fala de estar "no Espírito no dia do Senhor" (te kuriake hemera) ao ter sua primeira visão durante o exílio na ilha de Patmos, entendida pelos primeiros cristãos como referindo-se ao primeiro dia da semana, também chamado de "o oitavo dia" - o dia seguinte ao sábado judaico, o sétimo dia. Para eles era um dia em memória da ressurreição de Cristo, como "a ceia do Senhor" era uma ceia em memória da morte de Cristo; e eles se reuniram no "dia do Senhor" para observar a "ceia do Senhor" - seu "Senhor" sendo Cristo, e somente ele.

Que ilustres cristãos

(a) de judeus falando religiosamente, cujo dia de reunião de adoração semanal era sábado, seu sábado, por um lado,

(b) dos pagãos, por outro lado, que no Egito e na Ásia Menor tinham uma frase semelhante, te sebste herma, para o primeiro dia do mês, em homenagem ao imperador romano, César, a quem eles adoravam como divino, empregando o Palavra grega sebaste, um símbolo de kuriake usado pelos cristãos de Cristo. (Ver Dicionário da Bíblia do Intérprete, Vol. KQ, p.152).

Sebaste é o genitivo de *sabastos*, de *sebas*, significando respeito reverente, e é um cognato de *sebazomai*, adorar, e *sebasma*, um objeto de adoração. Assim, na análise final, e no uso particular, as duas palavras aplicadas a Cristo e César, respectivamente, eram equivalentes. E aqueles que criam em Cristo como Senhor não podiam reconhecer César como tal, muitas vezes resultando na mais severa perseguição aos cristãos – que eles estavam começando a sofrer na Ásia Menor na época do banimento de João para a ilha de Patmos, onde ele escreveu o Livro do Apocalipse a mando de Cristo para edificação imediata e encorajamento das sete igrejas na província romana da Ásia (na parte ocidental da Ásia Menor, atual Turquia).

Os seguintes trechos de citações de décadas do segundo século cristão demonstrarão o uso do "dia do Senhor" para o "primeiro dia da semana", o dia da ressurreição de Cristo dentre os mortos e sendo um dia de assembléia semanal dos primeiros cristãos - em vez de ser "o dia do Senhor" (1 Coríntios 5:5; 2 Coríntios 1:14; 1 Tessalonicenses 5:2; 2 Pedro 34:10), quando o Senhor Jesus Cristo retornar no fim dos tempos na terra para a ressurreição universal e o julgamento da humanidade, como afirmam alguns em nossos dias.

DIDACHE: "... Reunir-se a cada dia do Senhor, comer pão e dar graças" (14:1) - final do primeiro ou início do segundo século dC

NOTA: O Dicionário da Bíblia do Intérprete, vol. QQ, pág. 152, afirma isso, para nós, uma expressão curiosa “parece significar 'reunião para adoração no Dia do Senhor – seu dia especial.' Em contraste com o sábado." Essa interpretação é confirmada pelas seguintes considerações:

Embora a expressão "o dia do Senhor" em Apocalipse 1:9 seja *he kuriake hemera*, tornou-se comum omitir a palavra dia, deixando-a para ser entendida a partir do contexto, com o adjetivo "do Senhor" na verdade passando a ser usado como um substantivo para "Domingo" ou "primeiro dia da semana". que é o caso da citação acima da Didache. “Assim, no grego moderno, a palavra para domingo ou o primeiro dia da semana é *kuriake*. Esse uso foi bem estabelecido em uma data antiga, pois a palavra latina cristã para domingo era *dominica*, a tradução exata do grego, 'do Senhor'. A palavra para domingo nas línguas românicas modernas é derivada desse uso - *dominica* (italiano), *domingo* (espanhol) e *dimanche* (francês)." (Everett Ferguson, *Early Christians Speak*, p.71.)

IGNATIUS: "... não mais guardando o sábado, mas vivendo de acordo com o dia do Senhor, no qual também nossa vida surgiu por meio dele ..." (Magnésios 9) – 110 DC

BARNABÉ: "Portanto, nós [cristãos] guardamos com alegria o oitavo dia, no qual Jesus ressuscitou dos mortos e, quando apareceu, subiu ao céu" (15:8f) - cerca de 130 DC

NOTA: Se os 40 dias de Atos 1:3 fossem exclusivos dos dias de ressurreição e ascensão, o que é possível, então sua ascensão também foi no mesmo dia da semana de sua ressurreição - "oitavo" (= "primeiro"), como indicado na citação de Barnabé.

3. Cristãos e o sábado depois de Pentecostes(Atua através do Epístolas).

Enquanto os cristãos observavam o primeiro dia da semana como seu dia de assembléia regular para sua própria adoração distinta, os cristãos judeus geralmente ainda viviam como judeus por uma questão de costume e cultura em todos os aspectos {que} não entravam em conflito com os princípios cristãos. Além disso, o apóstolo Paulo; conformado em tais aspectos com os costumes ou cultura de qualquer povo que ele possa estar - seja

- (a) Judeus ou prosélitos judeus, que viveram de acordo com a lei de Moisés, para que ele os ganhasse para Cristo;
- (b) não-judeu, que estava sem essa lei (embora não estivesse sem lei para Cristo), para que pudesse ganhá-los também para Cristo
- (c) aqueles que ele chamou de "fracos", para que pudesse ganhá-los da mesma forma (1 Coríntios 9:19-23).

Por exemplo, Paulo observou a lei mosaica em relação aos votos de nazireu, encontrada em Números 6:1-21 (ver Atos 18:8; 21:17-26). Ele circuncidou Timóteo, um meio-judeu, para torná-lo aceitável tanto na sociedade judaica quanto na gentia (Atos 16:1-3). Mas ele se recusou a circuncidar Tito, um não-judeu, a fim de não comprometer o evangelho quando uma facção judaica estava tentando impor a circuncisão aos gentios convertidos (Gálatas 2:1-5; cf. Atos 15:1-31). No entanto, ele não ensinou aos cristãos judeus a não circuncidar seus filhos como uma questão de costume (Atos 21:17-26, como já citado) - mas ensinou que "em Cristo Jesus, nem a circuncisão tem valor algum, nem a incircuncisão, mas a fé [em Cristo] operando pelo amor" (Gálatas 5:6) - princípio que ele aplicou amplamente, dizendo: "Portanto, ninguém vos julgue pelo comer ou pelo beber,

O evangelho foi pregado primeiro aos judeus e depois aos gentios (Romanos 1:16). E aos judeus, foi primeiro pregado em Jerusalém, não só no templo, pelos apóstolos, mas também nas sinagogas da cidade por outros. Um exemplo notável deste último foi o de Estêvão na sinagoga "dos libertinos, e dos ciretianos, e dos alexandrinos, e deles da Cilícia e da Ásia" (uma sinagoga de judeus fora da Palestina), que disputou com ele mas não pôde "suportar a sabedoria e o Espírito com que ele falou". No entanto, eles conseguiram trazê-lo para o "conselho" (Sinédrio) e apedrejá-lo até a morte como o primeiro mártir cristão. É provável que Saulo de Tarso, que mais tarde se converteu e se tornou o apóstolo Paulo, fosse daquela sinagoga, pois ele era da Cilícia e segurava as vestes dos apedrejadores. (Veja Atos 6:8 - 8:1; 22:3-21).

Depois que Paulo se tornou um apóstolo para os gentios, quando em uma cidade onde havia uma sinagoga judaica, ele iria primeiro (pois era a vontade de Deus que todos os judeus, assim como todos os gentios, tivessem a oportunidade de ouvir e obedecer ao evangelho de Cristo). e assim se tornarem cristãos, e os gentios geralmente seriam inicialmente alcançados por meio de tementes a Deus que frequentavam os cultos da sinagoga judaica) - como em Antioquia da Pisídia (Atos 13:13-51), em Icônio (14:1-7), em Tessalônica (17 :1-9), em Bereia (17:10-14), em Corinto (18:1-17), em Éfeso, onde deixou os seus ajudantes, Áquila e Priscila, até ao seu regresso (Actos 18:18-19: 20). Em alguns casos, os cristãos continuaram a frequentar

os serviços da sinagoga enquanto permitido, mas provavelmente se reuniam na casa de algum membro para seus próprios cultos do dia do Senhor (cf. Atos 18:7; Romanos 16:5; 1 Coríntios 16:9 e Filemom 1-2),

Assim, de acordo com os princípios envolvidos no que foi observado, se um cristão judeu como indivíduo desejasse não apenas observar o primeiro dia da semana como o "dia do Senhor", que não era necessariamente um dia de descanso como o sábado havia sido sob Moisés e, nesse sentido, "todos os dias" poderiam ser "estimados da mesma forma", mas também se sentiram constrangidos a continuar observando o "sétimo dia como um dia de descanso e adoração, ele não deve ser proibido de fazê-lo, mas não deve tentar vincular sua observância aos outros – com a mesma coisa verdadeira em relação às carnes, que os cristãos gentios podiam comer sem reservas de consciência, para que os cristãos judeus ainda pudessem ter escrúpulos contra, embora ele não precisasse (Rm 14:1-23) – cujo princípio, no entanto, se aplica apenas a questões opcionais – apenas ao que é permitido, mas nem ordenado nem proibido.

Por outro lado, se os cristãos gentios estivessem se permitindo ser levados à escravidão (isto é, obrigados a observar) daquilo de que Cristo havia libertado até mesmo os judeus (incluindo a observância do “dia de sábado”, Colossenses 2:16), isso era motivo para o apóstolo Paulo se preocupar com a salvação deles – uma fé muito insignificante (ver Gálatas 4:8-10; 5:1-8, também exegetado muito antes). A linha de fundo: "POR LIBERDADE CRISTO NOS LIBERTOU [em relação a tal]: PERMANECE FIRME, PORTANTO, E NÃO SE ENVOLVA NOVAMENTE EM UM JUGO DE SERVIÇO" (Gálatas 5:1).

Portanto, embora os cristãos devam ter devoções privadas diariamente e possam se reunir para adoração e edificação a qualquer hora ou em vários momentos, ou mesmo diariamente por longos períodos, conforme possível e possa parecer conveniente, apenas o primeiro dia da semana é apresentado. para eles nas escrituras do Novo Testamento como um dia de assembléia regular e geral, observado como o "dia do Senhor", quando a "ceia do Senhor" é uma característica especial e adicional de sua adoração.

Adaptado de God's Sabbath, Searching the Scriptures. Cecil N. Wright

O Dia do Senhor O primeiro dia da semana

H. Leo Boles

.... "O Dia do Senhor ou o Primeiro Dia da Semana" é o tema que foi anunciado para discussão nesta ocasião. Uma vez que o dia de sábado cessou por autoridade divina quando a Antiga Aliança foi retirada do caminho, uma vez que um dia especial de adoração sob a lei de Moisés cessou, e uma vez que vivemos sob a nova aliança, melhor estabelecida em melhores promessas, o surge a pergunta: "Existe um dia especial de adoração designado na Nova Aliança para a adoração cristã?" Não é o sábado cristão. Não há Escritura na Nova Aliança que ensine que o sábado foi separado como um dia especial de adoração para os cristãos; nem há qualquer Escritura que ensine que o dia especial separado para os cristãos adorarem deve ser chamado de sábado cristão. O dia do Senhor, ou o primeiro dia da semana, nunca é chamado pela autoridade divina de sábado ou sábado cristão. O dia especial separado e conhecido como o dia do Senhor não substitui o sábado segundo a lei. A Nova Aliança não é, no verdadeiro sentido, um substituto para a antiga aliança; a Antiga Aliança serviu ao seu propósito e Cristo a tirou do caminho. Ele então deu uma Nova Aliança com novas promessas, novos propósitos, novos requisitos e um novo dia para adoração. Deve-se ter em mente que o dia do Senhor ou o primeiro dia da semana não substitui nada nem nenhum dia sob a lei de Moisés. [ênfase adicionada] A Nova Aliança não é, no verdadeiro sentido, um substituto para a antiga aliança; a Antiga Aliança serviu ao seu propósito e Cristo a tirou do caminho. Ele então deu uma Nova Aliança com novas promessas, novos propósitos, novos requisitos e um novo dia para adoração. Deve-se ter em mente que o dia do Senhor ou o primeiro dia da semana não substitui nada nem nenhum dia sob a lei de Moisés. [ênfase adicionada]

O dia do Senhor, ou o primeiro dia da semana, não é um dia de descanso'. O sábado era um dia de descanso para os filhos de Israel, mas o dia do Senhor não é de forma alguma um dia de descanso como era o sábado judaico. Sob a Antiga Aliança, o dia de sábado foi designado como um dia de descanso para homens e animais; foi um dia memorial da libertação da escravidão egípcia e dos capatazes egípcios; foi um sinal entre Jeová e os filhos de Israel de que Deus, por meio de sua bondade, havia libertado os filhos de Israel da labuta incessante a que foram submetidos enquanto estavam no Egito. Eles deveriam descansar e contar a seus filhos que eles tiveram esse dia de descanso por causa da bondade de Deus em libertá-los da escravidão no Egito. Sob a Nova Aliança, o dia do Senhor tem um propósito mais elevado e santo do que meramente dar descanso físico ao homem e aos animais. Deixamos esse ponto de lado neste momento, pois será abordado mais adiante neste discurso. Toda a tagarelice que você ouve sobre mudar o sábado para o primeiro dia da semana está fora de lugar e serve apenas para confundir a mente das pessoas e prejudicá-las contra a verdade.

COISAS NOVAS NA NOVA ALIANÇA

A Nova Aliança é fiel ao seu nome; é verdadeiramente novo em todas as suas partes. Temos apenas que notar algumas das coisas novas que estão incluídas na nova aliança. Os ensinamentos de Jesus enquanto estava na carne foram designados como "novo ensino". (Marcos 1:27.) Cristo não reiterou nenhuma lei de Moisés para impô-la às pessoas; ao longo do Sermão da Montanha, ele contrasta seus ensinamentos com as tradições e interpretações dos rabinos; ele cumpriu a lei e então deu algo novo em seu lugar. "Ele os ensinou como quem tem autoridade, e não como seus escribas." (Mateus 7:29.) Nunca houve ensinamentos como os de Jesus: nunca houve nenhum novo ensino comparável ao ensino do Senhor Jesus Cristo. Ele veio para revelar a vontade do Pai, a vontade do Pai expressa na nova aliança. Novamente temos "um novo mandamento" (João 13:34), que expressa um grau mais alto de amor entre o povo do Senhor do que jamais havia sido ensinado antes. Os cristãos são novas criaturas em Cristo. (2 Coríntios 5:17.) As coisas velhas já passaram e tudo se fez novo. A igreja é composta por convertidos de todas as nações; Judeus e gentios foram convertidos pelo evangelho e constituídos em "um novo homem". (Efésios 2:15.) Novamente, lemos sobre "um caminho novo e vivo". (Hebreus 10:20.) Os jovens cristãos são chamados de "novos bebês em Cristo". (1 Pedro 2:2.) Temos uma "nova Páscoa". (1 Coríntios 5:7.) Oferecemos "novos sacrifícios" (1 Pedro 2:5) e damos "novas ofertas de louvor" a Deus (Hebreus 13:15). O profeta Isaías disse que o povo de Deus deveria receber "um novo nome". (Isaías 62:2.) Essa profecia foi cumprida quando os discípulos foram chamados de "cristãos primeiro em Antioquia". (Atos 11:26.) Além disso, na Nova Aliança temos um "novo dia de adoração" (1 Coríntios 16:1-2; Apocalipse 1:10), que é o primeiro dia da semana ou o dia do Senhor. Ver-se-á que tudo na Nova Aliança é novo.

AS COISAS DO SENHOR

Na Nova Aliança há tantas coisas designadas como pertencentes ao Senhor --- "as coisas do Senhor". A recitação de algumas dessas coisas nos ajudará a apreciar o "dia do Senhor". Mencionamos no Novo Testamento "o corpo do Senhor" (1 Coríntios 11:27-29), "a morte do Senhor" (1 Coríntios 11:26), "a mesa do Senhor" (1 Coríntios 10:21), "a Ceia do Senhor" (1 Coríntios 11:20), "os discípulos do Senhor" (Atos 9:1), "o sangue do Senhor" (1 Coríntios 11:27), "a casa do Senhor" (1 Timóteo 3:15) e "o dia do Senhor." (Apocalipse 1:10.) Outras coisas poderiam ser mencionadas como pertencentes ao Senhor, mas isso é suficiente para mostrar que, quando falamos do "dia do Senhor", estamos colocando-o na classe de muitas, muitas outras coisas importantes que pertencem ao Senhor sob a nova aliança. Na verdade, a Nova Aliança veio por meio do Senhor Jesus Cristo; ele é o mediador de uma aliança melhor. Moisés foi o mediador da antiga aliança, mas Cristo é o mediador da nova aliança. A Antiga Aliança foi selada e santificada pelo sangue de animais, mas a Nova Aliança é selada e santificada pelo sangue do Senhor Jesus Cristo. É a aliança do Senhor, sua última vontade e testamento para o homem. Seria estranho se um novo dia de adoração fosse designado na Nova Aliança e não fosse chamado de "o dia do Senhor". Sabemos que "dia" é usado em diferentes sentidos na Bíblia, mas o primeiro dia da semana foi designado como o dia do Senhor e foi reconhecido como o dia de adoração pelos primeiros cristãos. De fato, desde o Pentecostes, o primeiro dia da semana é usado, o dia especial de adoração sob a nova aliança.

O PRIMEIRO DIA DA SEMANA

"O primeiro dia da semana" foi chamado pelo Espírito Santo de "o dia do Senhor". "Eu estava no Espírito no dia do Senhor." (Apocalipse 1:10) Aqui temos João afirmando que estava "no Espírito" em um dia especial, "o dia do Senhor". Há muitas razões para designar este dia como "o dia do Senhor". Primeiro, o Senhor ressuscitou dos mortos no "primeiro dia da semana". (Mateus 28:1; Marcos 16:2; Lucas 24:1 e João 20:19) Aqui todos os quatro escritores do evangelho nos dizem que Jesus ressuscitou dos mortos no primeiro dia da semana. Esta é uma razão para designar o primeiro dia da semana como o dia do Senhor. Após sua ressurreição, ele permaneceu na terra por cerca de quarenta dias. (Atos 1: 3) Durante esses quarenta dias ele fez várias aparições; temos um registro de cerca de treze aparições que Jesus fez após sua ressurreição e antes de sua ascensão. Todas as aparições em que a hora é mencionada eram no primeiro dia da semana. Existem algumas aparições em que o horário não é mencionado, mas quando o horário é mencionado, é designado como sendo o primeiro dia da semana. Ele fez sua ascensão ao Pai e depois enviou o Espírito Santo, conforme a promessa, aos apóstolos no Pentecostes, que era o primeiro dia da semana. (Levítico 23:11, 15-21.) A igreja foi organizada no Pentecostes, e o primeiro sermão do evangelho em sua plenitude foi pregado por Pedro neste Pentecostes. Portanto, visto que o Pentecostes era o primeiro dia da semana, o primeiro dia da semana se torna o dia do nascimento da igreja do Senhor. Os primeiros discípulos se reuniam no primeiro dia da semana para comer a Ceia do Senhor. "E no primeiro dia da semana, quando estávamos reunidos para partir o pão, Paulo falou com eles, pretendendo partir no dia seguinte; e prolongou seu discurso até a meia-noite." (Atos 20:7) Além disso, ordenou-se aos primeiros discípulos que fizessem uma contribuição especial no primeiro dia da semana. "Ora, quanto à coleta para os santos, assim como ordenei às igrejas da Galácia, façam vocês também. No primeiro dia da semana, cada um de vós economize conforme a sua prosperidade, para que não haja coletas. ser feito quando eu vier." (1 Coríntios 16:1-2.) Aqui, Paulo dá instruções à igreja em Corinto para fazer o que ele havia ordenado às igrejas na Galácia; eles deveriam fazer essa contribuição no primeiro dia da semana. Isso devia ser feito para que não houvesse demora em recolher a contribuição quando Paulo chegasse. Isso mostra que os primeiros cristãos se reuniam no primeiro dia da semana. "E consideremo-nos uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras; não deixando de nos ajuntar, como é costume de alguns, mas exortando-nos uns aos outros; e tanto mais quanto vedes que o dia se aproxima." (Hebreus 10:24-25.) Estas são algumas das razões que podem ser apontadas para chamar o primeiro dia da semana de dia do Senhor. mas exortando uns aos outros; e tanto mais quanto vedes que se aproxima o dia." (Hebreus 10:24-25.) Estas são algumas das razões que podem ser apontadas para chamar o primeiro dia da semana de dia do Senhor. mas exortando uns aos outros; e tanto mais quanto vedes que se aproxima o dia." (Hebreus 10:24-25.) Estas são algumas das razões que podem ser apontadas para chamar o primeiro dia da semana de dia do Senhor.

No Salmo 2:7 temos o seguinte: "Tu és meu filho, hoje te gerei." Observe cuidadosamente "este dia" conforme mencionado aqui. Em Atos 13:32-33 aprendemos que isso foi cumprido na ressurreição de Cristo. "E trazemos-vos as boas novas da promessa feita aos pais, que Deus a cumpriu a nossos filhos, ressuscitando a Jesus; como também está escrito no segundo salmo: Tu és meu Filho, hoje me tens Eu te gerei." Portanto, Jesus foi reconhecido como o Filho gerado de Deus por sua ressurreição dentre os mortos no primeiro dia da semana. A profecia de Joel (Joel 2:28; Atos 2:1-4, 16, 17) foi cumprida no Pentecostes, que é o primeiro dia da semana. Cristo foi coroado rei em seu trono naquele dia. (Zacarias 6:13; Atos 2:29-36.) A nova lei entrou em vigor quando a palavra do Senhor saiu de Jerusalém naquele dia. (Isaías 2:3; Lucas 24:47, 49 e

Atos 2.) Todos esses eventos mostram que Deus honrou o primeiro dia da semana como o dia para a realização de tantas grandes coisas. Ninguém deve se surpreender com o fato de o primeiro dia da semana ser chamado de "o dia do Senhor". Pedro disse que "Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua grande misericórdia, nos gerou de novo para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos." (1 Pedro 1:3.) O que isso significa? Significa simplesmente que, pela ressurreição de Jesus Cristo, os apóstolos foram gerados de novo para uma viva esperança pela ressurreição de Cristo; isto é, sua ressurreição completou o ato de sua regeneração. Eles haviam voltado ao seu antigo chamado após a crucificação de Cristo, mas agora são revividos na esperança de que seu Senhor crucificado seja agora o Redentor ressuscitado do homem. É interessante notar o lugar importante que a ressurreição ocupa na pregação inicial dos apóstolos; de fato, Pedro nunca menciona a crucificação de Jesus sem mencionar sua ressurreição. A atenção é chamada aqui para o Salmo 118:22-24. "A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular. Isto é obra de Jeová; é maravilhoso aos nossos olhos. Este é o dia que Jeová fez; regozijemo-nos e regozijemo-nos nele." Que dia? É o dia da ressurreição, o dia mais importante no plano da redenção humana. Há quem celebre seu aniversário sem nenhuma autoridade divina. Deus designou o primeiro dia da semana, o dia da ressurreição de nosso Senhor, como o dia especial de adoração para seu povo sob a nova aliança. Portanto, temos muitas razões para chamar o primeiro dia da semana de dia do Senhor.

O QUE OS ADVENTISTAS ENSINAM

Os adventistas se reuniram pela primeira vez no primeiro dia da semana. Joseph Bates visitou alguns parentes que eram membros da Igreja Batista do Sétimo Dia. Ele aprendeu alguns argumentos deles para se reunir no dia de sábado; ele trouxe esses argumentos de volta e os apresentou à Igreja do Advento. A Sra. White argumentou contra a reunião no dia de sábado até que ela foi incapaz de responder aos argumentos que Joseph Bates apresentou. Ela então teve uma visão na qual viu que o dia do Senhor foi preservado e obrigatório para os cristãos de hoje. A Igreja do Advento do Sétimo Dia foi então fundada em 1845. Se guardar o primeiro dia da semana é uma "marca da besta", então a Igreja do Advento tinha a marca da besta; A Sra. Ellen G. White tinha a marca da besta. Temos um registro em "Life Sketches of Ellen G. White" da visão que a Sra. White teve. Fiquei maravilhado ao ver o quarto mandamento bem no centro dos dez preceitos com um suave halo de luz envolvendo-o. Disse o anjo: "É o único dos dez que define o Deus vivo que criou os céus e a terra e todas as coisas que neles há." (Páginas 95 e 96). da Sra. White tornou-se a autoridade para os adventistas do sétimo dia adorando no dia de sábado. O dia de sábado, que colocou este mandamento acima de todos os outros, ela colocou o quarto mandamento que foi dado ao povo judeu acima do mandamento de que não terás outro Deus diante de mim. Para os adventistas do sétimo dia, o sábado é a única coisa que diferencia os adventistas de todas as outras denominações. Existem seis tipos de adventistas, e os adventistas do sétimo dia, fundado pela Sra. White, carecem de um representante que tenha a coragem de fazê-lo. defendê-la como profeta de Deus; eles afirmam que ela foi inspirada por Deus, e ela afirma que foi inspirada por Deus, mas a causa deles está clamando por um defensor e nenhum deles está disposto a vir em sua defesa. Por que? Porque eles não podem defendê-la. e ela afirma que foi inspirada por Deus, mas a causa deles está clamando por um defensor e nenhum deles está disposto a vir em sua defesa. Por que? Porque eles não podem defendê-la.

O PAPA DE ROMA MUDOU O SÁBADO?

Esta alegação de que o papa de Roma mudou o sábado para o primeiro dia da semana foi feita pela primeira vez pela Sra. Ellen G. White. A Sra. de Deus. Em uma mesa havia quatro e na outra seis. Os quatro na primeira mesa brilhavam mais do que os outros seis. Mas o quarto, o mandamento do sábado, brilhava acima de todos eles; pois o sábado foi separado para ser guardado em honra do santo nome de Deus. O santo sábado parecia glorioso - um halo de glória estava ao seu redor. Vi que o mandamento do sábado não foi pregado na cruz. Se fosse, os outros nove mandamentos eram; e temos a liberdade de quebrá-los todos, bem como para quebrar o quarto. Vi que Deus não havia mudado o sábado, pois ele nunca muda. Mas o papa mudou do sétimo dia para o primeiro dia da semana; pois ele deveria mudar os tempos e as leis." ("Primeiros Escritos de Ellen G. White," página 33.) Novamente na página 65 do mesmo livro, a Sra. para o primeiro dia." Em diferentes visões, a Sra. White afirmou que o papa mudou o sábado para o primeiro dia da semana. Vamos examinar sua acusação e ver quanta verdade há nela. uma visão de que o papa havia mudado o sábado para o primeiro dia da semana. Por que o Senhor teve que revelar à Sra. White em uma visão de que o papa mudou o sábado do sétimo dia para o primeiro dia da semana se eles puderem provar que foi mudado pelo Novo Testamento? Por que os adventistas do sétimo dia não tentam provar pelo Novo Testamento que o sábado foi mudado para o primeiro dia da semana? Os adventistas do sétimo dia admitem que a Igreja Católica não foi fundada até o quarto século; eles admitem que a Igreja Católica não foi totalmente desenvolvida até cerca de 304 DC. Os cristãos se reuniam no primeiro dia da semana por três séculos antes mesmo dos adventistas afirmarem que

o sábado foi mudado para o primeiro dia da semana. Como eles podem dar qualquer razão para os cristãos se reunirem no primeiro dia da semana por tanto tempo? Eles até agora afirmam que podem dar alguma evidência de que o papa católico fez a mudança. Eles não podem nos dizer qual papa fez a mudança; eles sabem que não há história sagrada ou profana que registre o fato de que o papa fez uma mudança. Mesmo que os católicos fizessem tal afirmação, como a afirmação poderia ser provada? Não há evidência de que o papa tenha feito tal mudança, e quando os adventistas do sétimo dia fazem a acusação, eles o fazem sem nenhuma evidência. Eles só podem apontar para a visão da Sra. White de que o papa fez a mudança. Constantino era imperador de Roma, mas não era papa; ele foi imperador de 306-337 DC. Ele aprovou leis regulando a conduta no primeiro dia da semana, mas não há nenhuma lei ou decreto na história romana em que ele mudou o sábado para o primeiro dia da semana. Uma coisa é fazer leis regulando a conduta dos cidadãos no primeiro dia da semana, e outra coisa é designar o primeiro dia da semana como dia de adoração. Novamente, eles afirmam que o Concílio de Laodicéia, que se reuniu em 363 DC, confirmou o primeiro dia da semana como o dia do Senhor. Deve-se lembrar que o primeiro dia da semana já era observado desde os primeiros dias da igreja de nosso Senhor até aquela época por todos os cristãos.

O orador sabia que desta plataforma havia sido pregado que o papa da Igreja Católica mudou o sábado do sétimo para o primeiro dia da semana; portanto, ele convocou a mais alta autoridade da Igreja Católica em Nashville, Tennessee, para dar os ensinamentos da Igreja Católica sobre este assunto. Ele fez esta pergunta: "Os católicos ensinam que o papa de Roma mudou o sábado do sétimo dia para o primeiro dia da semana?" A resposta veio com um enfático "Não"! "Eles não fazem tal afirmação; eles nunca fizeram tal afirmação." O padre foi então questionado: "Você vai colocar essa declaração por escrito?" Ele então escreveu a seguinte carta, datada de 14 de dezembro de 1944.

"Doutor H. Leo Boles
Caro senhor:

"Em resposta à sua pergunta, quem mudou o sábado para o domingo? Desejo dizer que, de acordo com a melhor evidência, foram os próprios apóstolos para comemorar a ressurreição de Cristo. da semana para a celebração da Ceia do Senhor e a designação desse dia como o dia do Senhor é indicada por São Paulo, Atos 20: 7 e 1 Coríntios 16: 2, e por São João, Ap 1: 10.

"Na 'Didaqué ou Ensino dos Doze Apóstolos', datada do ano 100 dC (isso foi apenas alguns anos, talvez alguns anos depois da morte de João), é dada a ordem: 'No dia do Senhor, reúnam-se e parta o pão e dê graças, depois de confessar seus pecados, para que seu sacrifício seja puro (capítulo 14).

"Santo Inácio, mártir (ano 107), fala dos cristãos como 'não mais observando o sábado, mas vivendo na observância do dia do Senhor, no qual também Nossa Vida ressuscitou.'" (Ad Magnes IX.) Em sua Epístola a Barnabé, capítulo XV, ele diz: "Portanto, também guardamos o oitavo dia (ou seja, o primeiro da semana) com alegria, o dia também em que Jesus ressuscitou dos mortos. "

"São Justino (ano 165) é o primeiro escritor cristão a chamar o dia de domingo na célebre passagem em que descreve em detalhes a adoração oferecida a Deus naquele dia pelos primeiros cristãos - ou seja, a oferta do corpo e sangue de Cristo com as orações, pregações e leituras do Antigo e do Novo Testamento (Apol. 65).

"Assim, fica claro pelos testemunhos mais antigos e autênticos que temos que a prática de celebrar a Ceia do Senhor no domingo se originou com os apóstolos e, portanto, estava de acordo com a vontade de Cristo que lhes deu o poder de fazer tais mudanças acidentais de tempo e forma de observância religiosa. Eles, é claro, não foram autorizados a mudar a lei natural que obriga todos os homens a dedicar um certo tempo exclusivamente à adoração de Deus, que é o dever essencial ordenado pelo terceiro mandamento, mas o tempo e os detalhes de sua observância estavam sujeitos a mudanças. Certamente a prática não teria se originado com os apóstolos e se tornado universal em todo o mundo cristão se nosso Senhor não o tivesse desejado. O fato de que um pequeno grupo de cristãos (falando dos adventistas), originário de mil e oitocentos anos depois dos apóstolos, escolher adorar no sétimo dia é insignificante quando comparado à prática universal e às tradições antigas em favor do domingo." Espero que esta seja uma resposta satisfatória à sua pergunta.

Muito sinceramente seu,
"RT. Rev. MSGR. AA SIFNER, VG"

É justo com os católicos dizer que eles não afirmam que o papa de Roma mudou o sábado para o primeiro dia da semana. Qualquer literatura que alguém possa ter dos adventistas do sétimo dia fazendo a acusação de que o papa mudou o sábado é falsa; se algum de vocês tiver tal literatura, pode escrever nela: "Isso não é verdade".

A CEIA DO SENHOR

Jesus ordenou a seus discípulos que comessem a Ceia do Senhor. (Mateus 26:26; Lucas 22:19; 1 Coríntios 11:24-25.) O Senhor ordenou que seu povo se reunisse. "Não deixando de vos ajuntar, como é costume de alguns." (Hebreus 10:25.) Não importa o que a outra parte deste versículo possa significar, temos o ensino simples e claro de que os cristãos não devem abandonar a reunião de si mesmos. Eles também são ordenados a comer a Ceia do Senhor; eles devem se reunir para comer a ceia juntos. Eles comeram a ceia quando se reuniram. (1 Coríntios 11:20-33.) Paulo aqui diz: "Quando, portanto, vos reunis, não é possível comer a ceia do Senhor." Portanto, eles comeram a ceia quando se reuniram. Agora eles são ordenados a comê-lo, e eles são ordenados a se reunir; e descobrimos que eles comeram a ceia quando se reuniram. Por que eles estão comendo isso? Em comemoração da morte e sofrimento do Senhor até que ele venha. Portanto, está implícita aqui sua ressurreição; ele não poderia voltar pela segunda vez se não estivesse vivo, se não tivesse ressuscitado dentre os mortos. Portanto, a Ceia do Senhor, por sua implicação, é comida no primeiro dia da semana como uma instituição memorial da morte do Senhor e da segunda vinda. Isso é claro o suficiente. No entanto, os cristãos se reuniram com o propósito de comer a Ceia do Senhor. (1 Coríntios 11:33.) Mas eles se reuniam para partir o pão ou comer a Ceia do Senhor no primeiro dia da semana. A ressurreição do Senhor no primeiro dia da semana, a descida do Espírito Santo no primeiro dia da semana, e comer a Ceia do Senhor no primeiro dia - todos enfatizam que este é o dia do Senhor. Aprendemos que o Espírito Santo veio no primeiro dia da semana, que a igreja foi organizada ou começou a funcionar no primeiro dia da semana, que os cristãos se reuniam para comer a Ceia do Senhor no primeiro dia da semana e que João estava no Espírito no dia do Senhor, o que nos ensina que o primeiro dia da semana é o dia do Senhor.

O povo de Deus hoje se reúne para comer a Ceia do Senhor no primeiro dia da semana. O sábado da lei era um dia totalmente diferente e era guardado para um propósito totalmente diferente. Há tanta diferença no propósito dos cristãos se reunirem no dia do Senhor e os judeus descansarem no sábado quanto entre o dia e a noite, Cristo e Satanás. O dia do Senhor não substituiu o sábado judaico; o sábado foi tirado do caminho quando a Antiga Aliança foi cumprida; um novo dia, o primeiro dia da semana, foi dado para os cristãos sob a nova aliança. Comer a Ceia do Senhor no primeiro dia da semana é a única coisa que distingue o primeiro dia da semana de qualquer outro dia. Podemos cantar louvores a Deus no primeiro dia da semana, mas podemos cantar seus louvores a qualquer dia e todos os dias. Lemos a Bíblia no primeiro dia da semana, mas podemos e devemos ler a Bíblia todos os dias. Oramos no primeiro dia da semana, mas podemos e devemos orar todos os dias. Podemos doar nossos meios no primeiro dia da semana, mas podemos doar conforme tivermos oportunidade e conforme houver necessidade em qualquer dia. Portanto, comer a Ceia do Senhor no primeiro dia da semana é a única coisa que diferencia esse dia de qualquer outro. Neste dia e somente neste dia podemos comer a Ceia do Senhor. comer a Ceia do Senhor no primeiro dia da semana é a única coisa que diferencia este dia de qualquer outro dia. Neste dia e somente neste dia podemos comer a Ceia do Senhor. comer a Ceia do Senhor no primeiro dia da semana é a única coisa que diferencia este dia de qualquer outro dia. Neste dia e somente neste dia podemos comer a Ceia do Senhor.

Há apenas mais uma coisa a respeito do primeiro dia da semana. Deus providenciou para que seu povo pudesse se reunir no primeiro dia da semana. O homem pode mudar o calendário; ele pode construir um calendário com apenas seis dias por semana; A Rússia fez isso e viveu por um quarto de século na programação da semana de seis dias. Outras nações fizeram o mesmo. Como um adventista do sétimo dia adoraria no sétimo dia da semana quando há apenas seis dias na semana? Deus fixou isso de forma que o homem não pode construir um calendário de dias na semana, mas que haverá "um primeiro dia da semana". Portanto, ele fixou isso para que seu povo - não importa quantas mudanças possam ocorrer - possa se reunir no primeiro dia da semana. Se o homem construísse uma programação de apenas cinco dias na semana, Os cristãos se reuniam no primeiro dia da semana para adoração. Os adventistas do sétimo dia não podiam se reunir para adoração, pois a semana não tem sete dias. Isso mostra a sabedoria de Deus no arranjo do primeiro dia da semana, o dia do Senhor, como o dia especial para adoração. (Discurso proferido por H. Leo Boles, 21 de dezembro de 1944, no War Memorial Building, Nashville, Tennessee)